

Nota do editor

Paulo de Carvalho



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/218>

DOI: 10.4000/ras.218

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

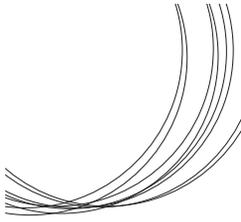
Data de publicação: 1 junho 2012

Paginação: 5-7

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Paulo de Carvalho, « Nota do editor », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 9 | 2012, posto online no dia 20 novembro 2013, consultado no dia 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/218> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.218>



Nota do editor

O tema central deste nº 9 da *Revista Angolana de Sociologia* é marcadamente sociológico — pobreza e desigualdades sociais. Enquanto as desigualdades sociais são temática sociológica por excelência, a pobreza tem normalmente abordagem multidisciplinar, com particular destaque para a Sociologia e a Economia. Uma segunda temática, relacionada com o tema principal deste número, tem a ver com o ensino superior.

Para este número 9 da *RAS*, recebemos um total de 26 artigos, para além de termos pedido também artigos a 6 investigadores de gabarito. Nunca tínhamos recebido tantas propostas como para este número da revista, o que nos obrigou (*referees* e editor da revista) a trabalho redobrado.

No que respeita ao tema *pobreza e desigualdades sociais*, trazemos 5 artigos, 1 intervenção e 1 recensão, num total de 7 textos.

A abordagem do tema central inicia com a angolana Cesaltina Abreu que, na esteira de Alexis de Tocqueville, recorre à história da Humanidade para encontrar as causas primeiras da pobreza e da indigência. Menciona a “naturalização das necessidades supérfluas como se de necessidades básicas se tratassem” [p. 95] e a fuga para as cidades em busca de emprego no sector industrial (que ocasionou o corte abrupto dos “laços tradicionais de protecção do senhor” [p. 95]). Apresenta a seguir elementos teóricos a respeito da pobreza e da sua medição (absoluta ou relativa, com destaque para a medição absoluta defendida pelo Banco Mundial), bem como das medidas de desigualdade na distribuição do rendimento. A socióloga Cesaltina Abreu escarpeliza também o índice de desenvolvimento humano, enquanto medida relacionada com as desigualdades sociais. Não deixa de apresentar uma breve reflexão sobre a possibilidade de erradicação da pobreza e, por isso, de melhor distribuição do rendimento.

O artigo de Cesaltina Abreu é complementado com outros, onde se apresentam dados e bibliografia a respeito da pobreza em Angola. Cristina Udelsmann Rodrigues apresenta a relação entre guerra e pobreza e entre pobreza e paz, enfatizando os elevados custos que os conflitos militares “provocam em termos sociais e económicos, conducentes à manutenção e ao agravamento da pobreza” [p. 114] e a inconsistência do crescimento económico em situação de conflito militar. Para ultrapassar a situação de pobreza que afecta boa parte dos angolanos, a autora sugere (dentre outras medidas) a adopção

de “programas de combate à pobreza junto das comunidades mais carenciadas” [p. 117], a garantia da “assistência social aos estratos mais vulneráveis” [p. 117] e a promoção de “programas articulados de resposta rápida a situações de risco iminente” [p. 118].¹

Depois de apresentar dados sobre a pobreza em Angola, a africanista Sílvia de Oliveira fala dos modos de vida da pobreza em Angola, que dizem respeito à “forma como as categorias sociais mais vulneráveis adaptam os meios disponíveis às suas necessidades”, ou seja, à “forma como se organizam estrategicamente para darem resposta às suas necessidades, sejam elas biológicas, sociais ou culturais” [p. 127]. A autora identifica e apresenta cinco modos de vida da pobreza em Angola, nomeadamente os modos de vida da: destituição, restrição, desafectação, transitoriedade e investimento na mobilidade.

Trazemos a seguir exemplos de outros países: os PALOP (Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, para além de Angola), Timor-Leste e Portugal. Começamos com um nome incontornável quando se abordam a pobreza e a exclusão social em países de língua oficial portuguesa, Luís Capucha, que nos traz uma abordagem a respeito da pobreza nos 6 (POLOP e Timor-Leste). Atribui particular destaque à formação dos recursos humanos, considerando que “a aposta num modelo de educação centrado na escola tradicional, cognitivista e selectiva, será a aposta na reprodução das desigualdades”, de modo que só “com uma escola orientada para o desenvolvimento de diversas competências, não apenas cognitivas, mas também atitudinais e profissionais” [p. 141] será possível apostar na competitividade económica e no desenvolvimento.

A finalizar, Pedro Perista e Isabel Baptista trazem a abordagem da pobreza em Portugal, enquanto condição relacionada com as “condições que têm de ser satisfeitas, ou os recursos necessários para se ter acesso a um determinado padrão de vida” [p. 155]. Enquanto os dados apresentados pelos sistemas estatísticos de Portugal e da Europa são estáticos, os autores optam pela apresentação de dados dinâmicos, que permitem ter uma visão mais real acerca do número de pessoas que passam pela situação de pobreza, mantendo-se nela ou não. Os dados apresentados apontam para 46% dos portugueses terem estado em situação de pobreza em pelo menos um dos seis anos do período 1995-2000, o que faz saber que cerca de metade da população desse país se encontrava então vulnerável à pobreza.

Quanto ao *ensino superior*, Paulo de Carvalho apresenta dados a respeito do crescimento do ensino superior em Angola, com 4.176 estudantes por altura do final do período colonial (ano de 1974) e 140.016 estudantes no ano lectivo de 2011. Enquanto o Estado independente de Angola herdou somente uma universidade estatal, Angola possui hoje 38 instituições de ensino superior, sendo 16 estatais e 22 privadas. A terminar, o autor enumera os factores que contribuem para a actual baixa qualidade de ensino.

Já Arlinda Cabral traz-nos uma reflexão acerca da inserção de profissionais formados em duas universidades lisboetas, partindo do pressuposto de que “uma das finalidades principais da universidade consiste em formar diplomados que contribuam para o bem-estar económico do seu país” [p. 71]. Através da abordagem do modelo de competências, a autora apresenta os resultados de um estudo feito junto de 1.004 licenciados em duas das maiores universidades lisboetas, concluindo que as

•

1 Um exemplo de combate à pobreza, vindo do Brasil, é apresentado nas págs. 187-201.

competências mais desenvolvidas na sua formação terão sido o “pensamento crítico”, a “comunicação oral e escrita” e o “domínio de técnicas e tecnologias”.

Os dois artigos complementares, que abrem o número, são de autoria de Luís Gaivão e Nuno Medeiros.

O historiador Luís Gaivão apresenta uma série de aspectos de natureza antropológica e sociológica das populações de Angola, com base na análise do romance *Rioseco*, de autoria de Manuel Rui (Monteiro). Aborda nomeadamente a presença e o poder da mulher na família e na economia doméstica em várias regiões de Angola, a interacção no seio familiar e os problemas vividos no dia-a-dia numa família comum que vive na Ilha do Mussulo (em Luanda), mas provém do interior de Angola. Manuel Rui “recorre a uma personagem feminina, . . . como protagonista nessa longa e pensada travessia de espaço/tempo angolano, com que pretende traduzir a realidade sociopolítica do país” [p. 16] e dar conta da forma de transmissão oral dos valores culturais ancestrais. Por aqui se nota a grande importância da mulher na cultura e na tradição angolanas (e na cultura e tradição africanas).

Por seu turno, Nuno Medeiros aborda a problemática do livro, do editor e da edição enquanto mundo ligado às artes, sistematizando a articulação do editor com o campo editorial e a cultura do livro. Editor e editora são tidos como “construtores activos do panteão cultural” [p. 37]. O autor esclarece que “o editor traça a sua identidade através da expressão que a inseparabilidade de duas componentes (indústria e artesanato) obtém nas decisões que vai tomando”, arquitetando assim o “perfil da editorial que dirige e molda o mercado que está, de vários pontos de vista, sob sua égide” [p. 37]. Vêm depois uma série de outros profissionais que são também enquadrados no processo de produção do livro, como sejam artesão, mecânicos e outros engenheiros [p. 41], que contribuem para a imagem de cada livro, esta que por sua vez vai exercer também grande influência no marketing e na venda do produto final.

Nas notas de pesquisa, apresentamos um texto de autoria do arquitecto e ecologista Jacinto Rodrigues, que é um diário de investigação respeitante a uma sua viagem a Angola (a Luanda, Namibe e Benguela) em 2009. Trata-se de material útil para profissionais e estudantes da Antropologia e da Sociologia.

Um texto que havia sido apresentado como artigo, foi sob proposta dos *referees* encaminhado para a secção “Intervenções”. Trata-se da descrição de uma experiência bastante positiva de combate à pobreza, no Bairro da Paz, na cidade de Salvador da Bahia (Brasil) – que pode servir de base para intervenções similares em comunidades de Angola. Os seus autores são a psicóloga Ana Cristina Matos e o filósofo Raymundo Dantas, ambos funcionários da Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

A terminar, Cesaltina Abreu traz-nos uma revisão a respeito de três livros do economista Amartya Sen, Prémio Nobel da Economia em 1998.

Boa leitura.